

A Sombra de Dioniso



Em uma época em que, com a ajuda da preguiça, a cultura só serve para ser consumida, não é preciso ter medo de partilhar um certo esforço, que permita a cada um o direito e a possibilidade de pensar por si mesmo.

(Maffesoli, 2005, p. 10)

A REEDIÇÃO DO TRABALHO de Michel Maffesoli, *L'ombre de Dyonyssos*, resultou em uma edição brasileira, traduzida por Rogério de Almeida, sob o título *A sombra de Dioniso*. O livro foi lançado pela Zouk, em 2005, e possui 160 páginas.

A obra, que destaca o ressurgimento das emoções e a queda do racionalismo, recebe esse nome porque o autor acredita que o período atual está infestado de múltiplas identificações, com as pessoas assumindo muitas caras. As sociedades do século XXI vivem da circulação, da troca, da abertura à alteridade. E é isto que a figura de Dioniso representa: uma grandeza de papéis exercidos por uma só pessoa, que troca de papel inúmeras vezes, e em todas as esferas de sua vida (amorosa, religiosa, profissional, amical).

A erudição do autor nos leva a uma leitura enriquecedora, e a força do seu imaginário nos propicia uma experiência agradável. Maffesoli faz um mapeamento das características sociais vigentes na contemporaneidade. Aborda alguns costumes e práticas, o que para ele são a sombra que Dioniso derrama sobre o berço pós-moderno.

Pós-modernidade, para o autor, é, ao mesmo tempo, o rompimento da lógica do *dever-ser* e a conjunção do arcaico com as tecnologias de ponta. É uma complementariedade de afetividade e tecnologia, pois arcaico é tudo o que é da ordem emocional. Na atualidade, reina um sentimento intemporal de estar-junto. As pessoas partilham sentimentos e fazem com que perpetue o corpo coletivo. E isso é arcaico, é emoção. Hoje, vive-se em uma sociedade tribalista e politeísta, onde o que importa é o coletivo. Impera a convivência de valores contrários. Cada um defende o direito de ter seus valores, sem que os demais tenham que adotá-los.

Cíntia Langie Araujo

Mestranda do PPGCOM da PUCRS

Abandonar a lógica do *dever-ser* significa entrar na lógica do *já é*. Dá-se ênfase ao cotidiano. O período contemporâneo é antifuturista, é extremamente presenteísta: vive-se o momento. É por isso que Maffesoli faz questão de deixar claro que para entender os costumes atuais não se deve utilizar o “porquê”. Deve-se, ao invés disso, questionar “como” as coisas se dão. E aí está um sinal de mudança de imaginário, que marca a pós-modernidade. Elaborar-se uma coerência social vivida de perto. Não se quer mais representações, não interessa mais ser representado. Tem que estar lá e viver. É a sociedade do *aqui e agora*.

Maffesoli, logo no início do livro, faz uma advertência, alegando que nas ciências humanas não se pode descobrir novos mundos, mas apenas desvendar alguns aspectos do ser-conjunto. Ele deixa claro que sua intenção não é criar uma teoria “pronta para pensar”, mas sim investigar e relatar o que já está disseminado na existência cotidiana. Ele ressalta: “Numerosas obras expressam, com brio, a pretensão de serem frutos de uma teoria ou de um pensamento, quanto a esta, se contentará com a intenção de fazer pensar” (Maffesoli, 2005, p. 9). Sua proposta é, então, falar de seu tempo, à sua maneira. E pode-se dizer que ele o faz de forma impecável. O sociólogo se vale de grande sensibilidade e talento para transpor para palavras as práticas cotidianas da atualidade. Dentre os costumes pós-modernos, ele destaca as rebeliões, indiferença política, valorização do território, sensibilidade ecológica e retorno às medicinas naturais.

A obra se fundamenta em um neologismo criado pelo autor, que soa estranho aos ouvidos do senso comum, por não ser muito utilizado: *orgiasmo*. Maffesoli considera o *orgiasmo* uma das estruturas essenciais de toda a socialidade.

Orgiasmo vem de *orgia*, que pode significar, dentre outras coisas, excesso, desregramento, anarquia. Na antiguidade, *orgia* era um ritual festivo, que acontecia geralmente à noite, em homenagem ao

deus Dioniso. No plano sexual, por exemplo (sentido mais comumente utilizado), significa que uma pessoa não se relaciona com um só parceiro. São todos juntos, mantendo contato entre si. E aí está a analogia que o autor quis fazer. Transpondo para o social, pode-se dizer que viver um *orgiasmo* é ter múltiplas identificações, é se entregar para vários amantes, que não são somente pessoas, mas coisas, programas de TV, estilos, atividades, esportes, entre outros. A regra é não se prender a um só valor, não ter uma só cara, mas utilizar uma máscara, que serve de camuflagem para as variadas identificações que os seres têm durante o dia. O eu é múltiplo, entrega-se para diversas paixões diferentes. O autor explica: “À imagem de Dioniso, deus de múltiplas faces, o *orgiasmo* social é essencialmente plural” (Maffesoli, 2005, p. 11).

O livro, assim como outras obras do sociólogo, desenha o perfil (ou a falta de perfil) da pessoa contemporânea. Maffesoli trabalha a idéia da perda do indivíduo num sujeito coletivo. Ele parte do pressuposto de que quem determina o “eu” é o outro. Ou seja, é de acordo com as agregações múltiplas (família, cidade, povo) que o ser vive num “porvir”. O coletivo adianta-se ao individual, e os grandes valores vigentes passam a ser relativizados. Ser o dono de si já não é mais um desejo coletivo, e o que antes era tido como ponto negativo (como a preguiça, a passividade) vai sendo aceito. O indivíduo não representa mais uma função determinada, ele se confunde em várias atividades. Hoje, a moral é de caráter individual: cada um tem a sua. Aprendeu-se a conviver com as diferenças. Baseado nessas idéias, Maffesoli levanta um outro termo: *confusional*, que significa a perda das certezas e o surgimento de uma realidade indefinida. O sociólogo explica que, com essa nova forma social, cada um exerce um papel e não mais uma função. Cada pessoa cumpre um papel na teatralidade geral. As pessoas se satisfazem no coletivo.

Com o avançar da leitura, compreen-

de-se melhor a referência à figura de Dioniso. Hoje, vive-se uma efervescência dionisíaca, na qual o que vale é o todo, é a relação do eu com os outros. Também, nesse aspecto, verifica-se a relação com o termo orgiasmo, pois é preciso haver múltiplas identificações para que a sociedade se preserve como seio de uma totalidade. O corpo coletivo deve prevalecer sobre o próprio corpo.

O livro demonstra que o orgiasmo é, portanto, um fator de socialidade, que incita todos a viver a dilaceração no conjunto societal. É uma forma de expressar a totalidade, que sublinha a alegria do *Carpe Diem* e desdenha as virtudes moralistas vigentes na modernidade.

O mistério dionisíaco funda, dessa forma, uma nova ordem, na qual o coletivo prevalece sobre o individualismo. É partindo dessas hipóteses que o sociólogo caracteriza o retorno do mito e a efervescência dos sentidos como fatos sociais. O imaginário, os sonhos, as coisas mágicas em geral, que antes eram esquecidas, estão hoje sendo ovacionadas e vividas de forma calorosa pelo conjunto social.

O livro de Maffesoli é, então, uma representação muito próxima do que de fato acontece no cotidiano atual. Ele investiga e descreve as práticas sociais mais comuns, justamente aquelas que as pessoas vivem mesmo sem ter a intenção de viver. Sem querer impor uma teoria sobre a pós-modernidade, ele simplesmente disponibiliza ao leitor o prazer de conhecer suas idéias embriagantes. O livro proporciona, por tudo isso, uma sensação de reconhecimento: o folhear das páginas é como um passeio pelas ruas da cidade .